

REFLEXÕES ESCATOLÓGICAS NA POÉTICA ADELIANA

ESCATOLOGICAL REFLECTIONS IN THE ADELIAN POETIC

JORGE, Romário Silva.

MENDES, Veraci De Jesus S.

MARQUES, Tatyane Gomes.

REIS, Sônia Maria Alves De Oliveira.

OLIVEIRA, Nicivaldo Evangelista De.

RESUMO: Uma das grandes preocupações que circundam o imaginário social encontra-se em um dos extremos da existência humana: a morte. Muitos filósofos, teólogos e literatos tentaram compreendê-la, sob diferentes perspectivas ao longo da história – e ainda hoje o fazem. Esse artigo apresenta o enfoque explorado pela poetiza Adélia Prado, que se apoia no tratado da Escatologia Cristã para alimentar a esperança na ressurreição dos mortos e na vida eterna. Os suportes empregados na realização desta pesquisa foram as obras: *Bagagem* (2006) e *Oráculos de Maio* (2009), das quais foram selecionados poemas que contemplam a temática em pauta. A análise qualitativa desses textos, embasada na revisão de literatura, permitiu assegurar que, viesada pela essência do sagrado cristão, a lírica adeliana conduz o leitor à um pensamento transcendente a respeito da morte, dissipando as trevas que recobrem essa aparente realidade derradeira. Dentre os principais achados do estudo realizado, estão as evidências de que a simbiose Literatura – Teologia estimula a articulação entre áreas do conhecimento, necessária para a compreensão dos dilemas que afligem a humanidade, podendo, inclusive, servir de estratégia metodológica para a promoção de debates no componente curricular Ensino Religioso.

Palavras-chave: Literatura. Adélia Prado. Escatologia Cristã. Ensino Religioso.

ABSTRACT: One of the biggest concerns that surround the social imaginary is at one of the extremes of human existence: the death. Many philosophers, theologians and literati have tried to understand it, from different perspectives throughout history - and still do it today. This article presents the approach explored by the poet Adélia Prado, who relies on the Christian Eschatology treatise to feed hope in the resurrection of the dead and in eternal life. The supports used in carrying out this research were the works: *Bagagem* (2006) and *Oracles de Maio* (2009), from which poems were selected that contemplate the theme in question. The qualitative analysis of these texts, based on the literature review, allowed us to ensure that, biased by the essence of the sacred Christian, the Adelian lyric leads the reader to a transcendent thought about death, dispelling the darkness that covers this apparent ultimate reality. Among the main findings of the study, there is evidence that the symbiosis Literature - Theology stimulates the articulation between areas of knowledge, necessary for understanding the dilemmas that afflict humanity, and may even serve as a methodological strategy for promoting debates in the Religious Education curricular component.

Keywords: Literature. Adélia Prado. Christian Eschatology. Religious Education.

Uma costura introdutória



Quando a morte vier, salve-me do meu medo.

(PRADO, 2006, p. 74)

A epígrafe de abertura deste texto revela um dos maiores pavores que o ser humano, em suma maioria, enfrenta em sua estada terrestre: a morte. Estar no mundo implica reconhecer que todos os seres vivos, sem exceção, nascem, crescem, reproduzem e morrem. A consciência acerca da brevidade da vida provoca em nós uma angústia profunda, o que nos leva a tentar postergar nossa existência a todo custo.

A eminente dissolução do corpo, somado ao relato daqueles que perderam seus entes queridos por motivos diversos (fome, violências, doenças, drogas etc.) e compartilham a experiência dolorosa, a saudade infinita que os acomete, incide sobre a procura de sentido para vida. Diante desse contexto, é conveniente questionar: “Onde, em nossa experiência do dia a dia, experimentamos uma superação da morte?” E mais: “[...] de que maneira acender uma esperança contra a cruel realidade da morte?” (VILHENA; BLANK, 2001, p. 83-84).

Partindo dessa problematização, objetivamos, em um primeiro momento, refletir sobre o evento morte, embasados nas contribuições da Escatologia Cristã, enquanto vertente teológica que investiga as realidades últimas do ser humano (morte, purgatório, juízo final, céu, inferno...). Para ampliar as possibilidades de entendimento, buscamos apoio na Literatura¹, especificamente, na poesia – esta última, considerada por Bosi (2000, p. 92) como “força e representação”, o que nos permite tratar das mais diversas manifestações antropológicas.

Muitos dos poemas que compõem os livros: *Bagagem* (2006) e *Oráculos de Maio* (2009), ambos da mineira Adélia Prado, transparecerem sua religiosidade e exploram a morte como parte do processo que conduz à vida eterna, à salvação. Tendo em vista o caráter esperançoso desses textos, um segundo objetivo se fez oportuno: apresentar a noção de morte contida na poética adelianiana, evidenciando como essa discussão, pela via literária, pode ser útil no intento de amenizar o mal-estar que tal evento incute no imaginário social.

¹ Por serem categorias centrais no presente trabalho, as palavras “Literatura” e “Teologia” estão grafadas com as letras iniciais maiúsculas.



Certos de que, “com as práticas de linguagem e análise do discurso [...] observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2007, p. 15) – e cientes das experiências religiosas que Adélia Prado possui no meio católico, as quais, atravessam sua escrita –, essa pesquisa tende a enveredar pelo viés contextual cristão, o que não exclui outras possibilidades interpretativas. Até mesmo na escola, na área de Ensino Religioso, vez que a Base Nacional Comum Curricular (2017) aponta os sentidos da vida e da morte, para as diferentes vertentes religiosas e filosóficas, como um dos objetos de conhecimento (BRASIL, 2017) do supracitado componente.

Nesse sentido, o “fazer” desse breve estudo trilhou o seguinte percurso metodológico: 1. Leitura e seleção dos poemas adelianos que melhor abordam a morte, de forma transcendente, pela ótica do sagrado cristão; 2. Análise desses poemas, fundamentada na revisão da literatura produzida por estudiosos do campo Literário – tais como: Barthes (2003), Compagnon (2009) e Moricone (2006) – e da Teologia/Eschatologia Cristã – dentre eles: Boff (1996;1998), Susin (1995) e Libânio e Bingemer (1985).

Destarte, desejamos que os leitores desse artigo possam deleitar com a arte literária de Adélia Prado e, com auxílio dela, comecem a vislumbrar novos horizontes e sentidos para morte, incitando novas investigações. Assim, encontrarão um alento quando vivenciá-la em seus círculos de convivência social.

Teologia Cristã: bordando sentidos para a morte

Ó Deus, / não me castigue se falo / minha vida foi tão bonita! / Somos humanos, / nossos verbos tem tempos, / não são como o Vosso, / eterno.
(PRADO, 2006, p. 57)

Refletir sobre a existência humana implica admitir o aspecto da transitoriedade da vida. Como sinaliza Zilles (2011, p. 210), “somos peregrinos, viandantes. Sempre estamos a caminho. Por mais importante que sejam o passado e o presente, um projeto de vida também deverá incluir o futuro”. Mas, qual é o futuro da humanidade?

Saber de onde veio e para onde vai sempre foi um grande questionamento para o ser humano. Há uma preocupação (e, de certa forma, um interesse) em desvendar os mistérios que circundam os dois polos da sua existência: a vida e a morte – elas que foram fontes de inspiração no campo da Filosofia, da Teologia e da Literatura, em um passado longínquo, e hoje, por influência das marcas da contemporaneidade, voltaram a ser.

Certamente, com o auxílio da Teologia, há possibilidades de encontrar respostas e alento para essa crise existencial. Tal ciência compreende o estudo sobre Deus e se orienta em Sua Palavra², comunicada aos sujeitos no decurso da história. “Não há uma Teologia de um só olho. Ela tem dois olhos. O da Revelação e o da nossa situação humana, social, que pensa, reza, compreende, interpreta, acolhe a Revelação” (LIBÂNIO; BINGEMER, 1996, p. 75). Assim, o olhar teológico é direcionado pela certeza que emana da manifestação divina, transmitida às futuras gerações, configurando a Tradição.

É notório que a Teologia só existe porque há perguntas feitas à fé. A (in)certeza da existência de Deus e o desejo de livrar-se dos medos que permeiam o imaginário social (a fatalidade da morte e a possibilidade do inferno, por exemplo), faz com que muitos sujeitos recorram ao sagrado em busca de sentidos para a vida. Esses aspectos fazem parte do escopo discursivo de uma das mais importantes pastas teológicas, a Escatologia, etimologicamente ligada ao estudo dos eventos finais (morte, purgatório, juízo final, céu, inferno...).

Por assim dizer, a Escatologia investiga o arremate e a plenitude dos homens, das mulheres e do mundo em Deus, o Futuro Absoluto. Toma o dado central da fé cristã (a morte e ressurreição de Jesus Cristo) como uma lâmpada para iluminar o caminho daqueles que almejam a salvação eterna. Assim, à luz da revelação escatológica, todos poderão usufruir do Reino de Deus que, no dizer de Zilles (2011, p. 228), “[...] já agora vem ao nosso encontro, dentro da história e de maneira concreta”.

Sob pontos de vista particulares, as religiões afirmam a existência de um futuro além da morte. Para isso, insere-o dentro do presente e planta esperança no coração apreensivo dos fiéis. “Se isso vale para todas as religiões, vale de modo particular para o Cristianismo” (BOFF, 1998, p. 22) que, em sua constituição teológica, transparece que a semeadura da paz, da justiça e da caridade, são condições para se colher os frutos da glória eterna. Por tratar também destas questões, a Escatologia calça coerentemente os pilares que mantêm a Teologia de pé.

Dessa maneira, fica claro que “[...] a fé humaniza a morte, dando-lhe o verdadeiro sentido de morrer com e como Cristo: em atitude livre de oferta de si” (LIBÂNIO; BINGEMER, 1996, p. 172), em perfeito sinal de doação ao próximo. Quando a pessoa se identifica com a morte de Jesus, o seu fim passa a ser o sacramento pascal da passagem deste

² Essas palavras foram escritas com as iniciais maiúsculas pelo fato de elas estarem fazendo referência direta ao Deus cristão. Ao longo do artigo há outras palavras que, por igual motivo, seguem essa mesma lógica de escrita.

mundo para o céu, que se encontra na presença de Deus. É essa a metodologia para se alcançar a vida eterna, mediante a ressurreição na morte (segundo a raiz escatológica), alicerce sobre o qual se firma a Teologia Cristã para propagar a sua constituição dogmática.

Teologia e Literatura: quando os fios se cruzam

Quem entender a linguagem entende Deus, cujo Filho é Verbo.

(PRADO, 2006, p. 20)

Assim como é difícil compreender o texto, fidedignamente, resguardando o valor estético e o contexto histórico em que ele foi produzido, é impossível conhecer Deus em sua totalidade, pois toda pessoa é limitada à condição de criatura e, como tal, não consegue ter uma visão holística do Criador. É nesse contexto que se insere a epígrafe de abertura desta seção, a qual se complementa: “Morre quem entender” (PRADO, 2006, p. 20).

Contudo, ao fomentar a profícua relação entre Literatura e Teologia, a construção de sentido pode ser orientada a favor de uma aproximação com o sagrado e com os mistérios que o envolve. Portanto, esse texto se dedica a refletir sobre esse jogo combinatório, argumentando a favor de sua utilização para fins de melhor compreendermos a realidade que nos cerca e os dilemas que nela encontramos.

A palavra “Literatura” provém do latim *litteris*, que significa letras. Enquanto fenômeno histórico, “[...] define-se nuclearmente como arte verbal escrita, da narrativa ficcional ou da lírica, posta a circular no mercado na forma-suporte do livro” (MORICONI, 2006, p. 148). Está estreitamente vinculada ao exercício do pensamento, mediante os circuitos discursivos que os indivíduos utilizam em seu convívio social. Além disso, ela

[...] nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida – a nossa e a dos outros -, ela arruína a consciência limpa e a má-fé. [...] Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores. (COMPAGNON, 2009, p. 51).

Esse dito traz à tona alguns aspectos que merecem atenção neste momento: o primeiro é o poder que a Literatura tem de informar, comunicar saberes e, conseqüentemente, tornar seus consumidores conscientes e empoderados; o segundo é a sensibilidade que ela desperta

através da transmissão de valores, que resulta na promoção de uma sociedade mais humana e, por reflexo, mais justa.

Convém frisar, ainda, que, como poeticamente indica Barthes (2003, p. 172), “a Literatura não permite andar, mas permite respirar”. Esse atributo a situa como uma válvula de escape das tensões que se enfrenta no dia a dia, o que a insere no rol das artes de entretenimento que autoriza (a quem escreve) textualizar/aliviar sentimentos e vivências; e (a quem lê) viajar pelo mundo das ideias e comungar das ficções (?) construídas por outros. Diante do exposto, como em Compagnon (2009), urge perguntar: Literatura para quê?

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (COMPAGNON, 2009, p. 47).

Por isso, ela exerce (dentre outras) a importante função de transmitir conteúdos e significados, enviesados por identidades e ideologias autorais. Estaria a religião – nesse caso, o Cristianismo e sua Teologia – fora desse jogo de sentidos e significados? Como sinaliza Carvalho (2001, p. 35), a Literatura (especificamente, a poesia) “[...] é um espaço privilegiado de expressão do religioso”. Em outras palavras, “ela é uma revelação do sagrado” (CARVALHO, 2001, p. 48) ou, no entendimento de Eliade (1996), uma hierofania.

Se os argumentos utilizados até agora não foram suficientes, cabe acrescentar outros que dão conta de sustentar a articulação proposta neste trabalho. Primeiro, deve-se lembrar que a Bíblia se constitui com base em um conjunto de livros, dotados de linguagem e recursos poéticos e metafóricos – portanto, é uma vasta e rica literatura. Depois, são inúmeros os gêneros literários empregados a favor do ensino religioso no decurso do tempo – tais como: provérbios, relatos de viagem, biografias, cânticos, poemas, cartas, epístolas etc. – que são convertidos em fontes históricas para a tradição da Igreja.

Além de tudo isso, é válido lembrar a metodologia utilizada por Jesus Cristo e seus apóstolos para catequizar, quase sempre se apropriando das parábolas como ‘objeto’ lúdico, acessível e eficiente para comunicar seus ensinamentos, perpetuando a própria Palavra de Deus. O apoio na arte literária para propagar as verdades anunciadas pela doutrina religiosa, não é uma novidade deste tempo, configurando uma estratégia empiricamente comprovada.

O inverso também ocorre, pois, no tocante à constituição dos cânones literários, nota-se uma influente contribuição da Igreja no processo de eleição das obras que melhor representariam a nação. Tal participação se deu indiretamente pelo motivo de o *Kânon* – termo que deriva do grego e faz referência à uma espécie de vara de medir – ter sido cunhado, a priori, pelos representantes eclesiais, com o intuito de determinar quais textos comporiam o livro sagrado, levando em consideração “[...] a presença das verdades que deveriam ser pregadas aos seguidores do Cristianismo” (REIS, 1992, p. 4). Esse recurso de medição/seleção foi adotado pelos literatos, a fim de selecionar as obras ditas (con)sagradas.

Diante do exposto, fica evidente a afinidade existente entre Teologia e Literatura, já que esta última tem o poder de tocar em vários conteúdos e, ao mesmo tempo, preservar a sua especificidade. Portanto, as reflexões a respeito da natureza do divino, seus atributos e sua relação com a humanidade – que é o propósito da Teologia – podem ser ampliadas com base nas possibilidades de leitura e construção de significados que a arte em questão permite.

A tessitura poética de Adélia Prado

Quando nasci um anjo esbelto, / desses que tocam trombeta, anunciou: / vai carregar bandeira. Cargo muito pesado para mulher, / esta espécie ainda envergonhada. / [...] Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina. (PRADO, 2006, p. 9)

“Trata-se da voz mais feminina de nossa poesia até hoje”, assim escreveu, certa vez, o escritor brasileiro Sant’Anna (1978) em homenagem à Adélia Prado – ela que, de maneira singular, fundou linhagens e irrompeu contra os paradigmas da ditadura do silêncio e do sistema literário, que restringiam a escrita ao homem e seu universo particular.

Para conhecer um pouco da escrevivência³ dessa poetiza, é necessário visitar sua história e perceber as experiências que fluem da sua produção literária. Para isso, serão utilizados alguns dados biográficos presentes nas orelhas do livro *Oráculos de maio*, publicado pela Editora Civilização Brasileira, em 2009.

Adélia Prado nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, em 13 de dezembro de 1935. Formou-se em Magistério em 1953, e, logo depois, começou a dar aulas em uma escola da cidade. Em meados da década de 1960, foi estudar Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis, onde se formou em 1973.

³Termo utilizado pela escritora e educadora mineira Conceição Evaristo, em seu livro *Becos da Memória* (2006), para se referir à escrita que nasce do cotidiano, das lembranças e da experiência de vida.

Na mesma época, enviou os originais de seus poemas a Sant'Anna, que os submeteu à apreciação de Carlos Drummond de Andrade. O poeta considerou os escritos de Prado fenomenais e os indicou para publicação, o que resultou no lançamento de *Bagagem*, em 1976, aos 40 anos e já mãe de cinco filhos. A partir deste momento, ela não parou mais, lançando várias obras que se inserem não somente no universo da poesia, mas, também, do texto em prosa, tanto para adultos quanto para crianças.

Foi com a publicação de *O coração disparado*, em 1978, que ela começou a aprofundar um dos temas que se tornariam marca de sua obra: a religiosidade. Sobre esse entrelaçamento, ela considera que:

A experiência religiosa é uma experiência poética. A poesia aponta para o mesmo lugar para onde a fé nos leva. São experiências de natureza comum. Tanto é verdade que a linguagem é a mesma. Os textos místicos são paradoxos, falam por metáforas, porque falam do indizível. A poesia é a mesma coisa, e por isso o absurdo da linguagem poética, sua falta de lógica racional, sua obediência única ao estatuto interno da expressão. (PRADO, 2009, Orelhas do livro).

Dialogando com essa ideia, Carvalho (2001, p. 40) explica que “o poeta é um intérprete, pontífice, sacerdote do sagrado”, pois, com/em sua atividade, é possível restaurar o contato perdido entre o homem e Deus. Esse contato era mantido através da linguagem original, que permitia uma comunhão total entre o ser humano e o universo. “Houve, todavia, uma "queda", um distanciamento entre a linguagem divina e a linguagem humana, estabelecendo-se assim um caos” (CARVALHO, 2001, p. 43), tal como é perceptível na narrativa da Torre de Babel (Gn 11, 1-9). Nesse contexto, a poesia surge como uma possibilidade de reconstrução do contato perdido e de auratização⁴ do divino.

Com o auxílio da poesia, a divinopolitana enxerga a beleza dos ritos litúrgicos e da própria doutrina da Igreja. Ao escrever, deixa um rastro de Deus nas entrelinhas. Isso porque, quando se é atingido pela presença numinosa⁵ desse gênero, há um desejo muito grande de expressar as vivências e compartilhá-las com outros sujeitos.

É certo que todo escritor é instrumento de algo que o suplanta, é oráculo de Alguém que é maior que ele. Esse imaginário está visceralmente conectado à experiência religiosa,

⁴A auratização está relacionada ao termo “aura”, que faz referência à autenticidade, à existência única de uma coisa. No sentido religioso, diz respeito a algo/Alguém que deve ser cultuado.

⁵Vivência que o ser humano tem dos fatores sobrenaturais de toda ordem que, agindo sobre seu estado psíquico geral, faz surgir nele uma atitude religiosa.

que permite chegar perto do Salvador e de sua beleza infinita, além de criar sentido para o ser/estar no mundo. Por isso, há de se concordar com o pronunciamento de Andrade (1975, p. 1): “Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: está à lei, não dos homens, mas de Deus”.

Enfim, é importante recordar a declaração feita pela autora no poema *A invenção de um modo*: “[...] Porque tudo que invento já foi dito / nos dois livros que eu li: / as escrituras de Deus, / as escrituras de João. / Tudo é Bíblias. Tudo é grande Sertão” (PRADO, 2006, p. 25). Diante disso, fica clarividente que os textos de Prado são escrevivências do sagrado; e que a natureza do religioso e da essência poética é absolutamente igual, operando juntas no processo de sustentação do discurso e da fé que se professa.

Os pespontos da Escatologia nos poemas adelianos

A poesia me salvará. / Falo constrangida, porque só Jesus / Cristo é o Salvador [...] / No entanto, repito, a poesia me salvará. / Por ela entendo a paixão / que Ele teve por nós, morrendo na cruz.

(PRADO, 2006, p. 63)

A Teologia Cristã afirma que há diversas maneiras de alcançar a salvação: praticando a caridade, acolhendo o necessitado, dedicando-se à oração, prestando culto ao Senhor, obedecendo aos 10 Mandamentos... e, por que não, lendo poemas que tratam sobre a religiosidade, a exemplo da epígrafe introdutória desta seção. Deveras, a linguagem poética viabiliza o desenvolvimento de uma sintonia fina com Deus e o conhecimento da metodologia mais eficiente para obter a vida eterna: espelhar na trajetória, morte e páscoa de Jesus Cristo.

Seguindo nessa direção, este tópico discursivo se dedica à leitura e análise de alguns dos textos poéticos de Prado, que exploram o campo semântico da Escatologia, sob a ótica do Cristianismo. De início, cabe tocar novamente na problemática da morte e lembrar que a maioria das pessoas a temem, até mesmo aquelas que se dizem cristãs convictas, e sofrem por não poderem detê-la.

O Catecismo da Igreja Católica - CIC (2013, nº 1007) diz que “nossas vidas são medidas pelo tempo, ao longo do qual passamos por mudanças, envelhecemos e, como acontece com todos os seres vivos da terra, a morte aparece como um fim normal da vida”, o que evidencia o seu caráter transitório. Mas, isso não implica uma ligação errônea entre a morte e as trevas, como se a vida desembocasse na escuridão total. O trecho a seguir, extraído



do poema *Refrão e assunto de cavaleiro e seu cavalo medroso*, ilustra figurativamente essa questão:

[...]
O escuro é duro ou macio?
meu cavalo perguntou.
Eu lhe respondi: galopa,
é pra Deus que eu vou.
[...]
No fim da viagem, no fim da noite,
tem uma porteira se abrindo
pra madrugada suspensa.
É pra lá que eu vou,
pro céu e pro ar, rosinho
para os pastos de orvalho.
Ô estrela-d'alva,
ô lua...
Quanto tempo dura a noite?
meu cavalo perguntou.
O tempo é de Deus, eu disse.
E esporeei.
Ô estrela-d'alva,
ô lua...
ô alva...
(PRADO, 2006, p. 65-66)

Aqui, comparada com a escuridão, com a noite, a morte é questionada pelo cavalo sob duas perspectivas: Seria ela um momento duro, frio e carregado de sofrimento? Ou a ruptura para um estado de amadurecimento e gozo sem fim? O próprio cavaleiro responde a essas inquietações, informando que o aparente fim da existência humana é apenas uma porteira se abrindo para um horizonte mais amplo, que é o céu – ele que, no entendimento de Blank e Vilhena (2001, p. 99), “[...] é o último destino da pessoa, é a vida em plenitude”, onde o tempo perde suas dimensões cronológicas e torna-se o Deus em essência.

É interessante refletir um pouco sobre os pontos basilares da fé cristã que dizem respeito ao futuro das pessoas e do mundo. Para tanto, vale a pena conhecer o relato presente no poema intitulado *Fé*:

Uma vez, da janela, vi um homem
que estava prestes a morrer,
comendo banana amassada.
A linha do seu queixo era já de fronteiras,
mas ele não sabia, ou sabia?
Comia, achando gostoso,

me oferecendo corriqueiro, todavia
inopinado perguntou
- ou perguntou como das outras vezes? –
Como será a ressurreição da carne?
É como nós já sabemos, eu lhe disse,
tudo como é aqui, mas sem as ruindades.
Que mistério profundo!, ele falou
e falou mais, graças a Deus,
pousando o prato.
(PRADO, 2006, p. 123)

Esse breve relato, contado com a ajuda da linguagem poética, revela o momento fronteiro da vida de um homem que se encontra à beira da morte. Normalmente, as pessoas evitam pensar nesse assunto ou na possibilidade de sua estada terrestre estar chegando ao fim. Rejeitando tal ideia, esse sujeito, em estado terminal, demonstra ter convicção acerca da sua fé.

Ele crê na ressurreição da carne, porém, tem dúvidas em relação à maneira como ela acontecerá, o que o leva a questionar o eu lírico a respeito disso. A resposta dele é muito significativa: “É como nós já sabemos, eu lhe disse, / tudo como é aqui, mas sem as ruindades” (PRADO, 2006, p. 123). A ressurreição não pressupõe um rompimento com a vida terrena. Tanto é verdade, que a forma como se vive é uma condição para alcançá-la.

Nesse sentido, “o céu é a potencialização daquilo que já na terra experimentamos. Sempre que na terra é feita a experiência do bem, da felicidade, da amizade, da paz e do amor, já se está vivendo, em forma precária, mas real, a realidade do céu” (BOFF, 1998, p. 206). Por praticar esses gestos corriqueiramente – como é perceptível na sétima linha do poema – e por saber que há um mundo repleto de bondade que o aguarda, o homem retratado acredita, assim como Libânio e Bingemer (1996), que a morte é um ato de liberdade. Por isso, sente-se em paz e mergulha nesse mistério, dando graças a Deus.

A aceitação dos argumentos utilizados anteriormente, pressupõe a crença de que, na ressurreição de Jesus, se encontra a base para a fé na própria ressurreição humana. Embora essa noção acalente os indivíduos em relação ao escândalo que a morte provoca, não se pode desconsiderar

[...] o fato antropológico inegável: nós morreremos. Não só morreremos, como também seremos sepultados. Frente ao cadáver colocado na terra, volta a indignação pela veracidade de nossa fé na ressurreição. Como manter uma tal fé diante da realidade inegável do cadáver? Como responder, a partir dessa fé, à pergunta básica de toda pessoa que perdeu um ente querido? (BLANK; VILHENA, 2001, p. 95).

REVELLI, Vol. 13. 2021.

ISSN 1984-6576.

E-202121

A religião cristã delinea o futuro dos homens e mulheres em um além totalmente diferente, em novas dimensões divinas, nas quais, se entra em comunhão pessoal e íntima com Deus. Adentrando nesse assunto, é pertinente contemplar a situação demonstrada em *A boa morte*, da qual emerge o viés positivo dessa aparente realidade derradeira, dando uma convincente explicação escatológica para o sepultamento do corpo:

Dona Dirce chorava a morte da filha
e com sincera dor o fazia,
estendendo a mão em direção ao café
que a irmã da morta servia.
Eu prestava atenção em Dona Dirce
que escutava Alzirinha admirada:
...o médico me proibiu expressamente...
Alguém pôs a cara na porta procurando Dona Dirce:
A senhora sabe a placa da caminhonete do Artur?
Alzirinha não queria café, por motivo de regime,
era possível que Artur não fosse avisado a tempo.
A adolescente sardenta, visivelmente feliz,
chorava a morte da mãe.
Também quis chorar,
por diversos motivos,
mas era impossível ali,
celebrava-se a vida
sob caras contritas,
sob os véus da morte,
mais que sete.
A cada desnudamento
ela própria cobria-se
visivelmente pra nos proteger:
Ninguém quer mais café não?
Modesta a morte, companheira,
nos consolando, quase da família.
Lucinda virou santa.
Não contei a ninguém,
pra não amolar a tristeza.
(PRADO, 2009, p. 23)

Inicialmente, é preciso tocar no sofrimento que Dona Dirce sente e a sinceridade da dor que a acomete ao velar o corpo da filha. Ao alimentar a esperança na vida eterna não se pode desprezar os sentimentos que esse momento de ruptura provoca, muitas vezes relacionados à dor, à incompreensão, ao desespero e à comoção do afastamento. “A morte é abominável e nenhuma força do mundo é capaz de eliminar a sua absurdidade. Ela é um

escândalo até para Deus” (BLANK; VILHENA, 2001, p. 96), que a vivenciou na pessoa de Jesus Cristo.

Para a felicidade da humanidade, a morte foi superada pela ressurreição do cordeiro imolado. Os versos “A adolescente sardenta, visivelmente feliz, / chorava a morte da mãe” (PRADO, 2009, p. 23) expressam a dura realidade daqueles que, juntamente com a morte dos entes queridos, morrem também eles para a vida, como se esta perdesse o sentido, implicando uma recusa à sociedade e ao relacionamento com outros sujeitos.

Também não se pode desconsiderar o estado de serenidade esboçado no semblante do corpo velado, como se estivesse celebrando a vida sob os véus da morte, em perfeita harmonia. Realmente, “Lucinda virou santa” (PRADO, 2009, p. 23), confirmando que “Deus não deixa os mortos na morte” (BLANK; VILHENA, 2001, p. 97). Por isso, se Jesus foi ressuscitado por Deus, então, “Ele também ressuscitará todos nós” (1 Cor 6, 14), fazendo cumprir as Sagradas Escrituras.

Há um outro poema de Prado, cujo título é *O reino do céu*, que indica as vontades que deveriam fazer parte dos anseios de todos os cristãos, sobretudo aqueles que se declaram católicos e ‘alimentam-se’ da doutrina da Igreja.

Depois da morte
eu quero tudo o que seu vácuo abrupto
fixou na minha alma.
Quero os contornos
desta matéria imóvel de lembrança,
desencantados deste espaço rígido.
[...]
Eu quero depois, quando viver de novo,
a ressurreição e a vida escamoteando
o tempo dividido, eu quero o tempo inteiro.
[...]
Quando eu ressuscitar, o que quero é
a vida repetida sem o perigo da morte,
os riscos todos, a garantia:
a noite estaremos juntos, a camisa no portal.
[...]
(PRADO, 2006, p. 126-127)

Esses desejos, quase uma oração aos olhos de quem crê no mistério pascal, podem ser subdivididos em categorias distintas, porém, interligadas: a) o primeiro, tem muito a ver com o desejo da vida eterna que paira sobre a humanidade e a ressurreição enquanto plenitude, não somente de uma alma ou de um corpo, mas, da junção corpo-alma, pois, no homem só existe



um espírito corporalizado e um corpo espiritualizado. E “quanto mais o espírito é espírito, mais se manifesta e penetra na matéria” (BOFF, 1996, p. 85); b) o segundo, exprime a ausência de um tempo cronológico, pesando sobre as ações do indivíduo ressuscitado e, concomitantemente, situa Deus em um campo além desses limites mensuráveis e “[...] o tempo enquanto relação de criatura e criador.” (SUSIN, 1995, p. 35); c) o terceiro, enfatiza o céu como a casa definitiva, onde medo algum causa sofrimento, nem mesmo a morte. Esse imaginário é, poeticamente, explorado na visão apocalíptica de João: “A morte não existirá mais, e não haverá mais luto, nem grito, nem dor, porque as coisas de antes passaram.” (Ap 21, 4).

As afirmações escatológicas presentes no poema *Homilia* resumem muito bem as ideias desenvolvidas até o presente momento, e evidenciam alguns dos percursos metodológicos por meio dos quais se pode alcançar uma vida condizente com os desígnios divinos e, por consequência, a eternidade.

Quem dentre vós
dirá convictamente:
os alquimistas morreram
- aqueles simples -,
morreram os conquistadores,
os reis,
os tocadores de alaúde,
os mágicos.
Oh, engano!
A vida é eterna, irmãos,
aquietai-vos, pois, em vossas lidas,
louvai a Deus e reparti a côdea,
o boi, vosso marido e esposa
e sobretudo
e mais que tudo
a palavra sem fel.
(PRADO, 2009, p. 19)

Este texto instiga a pensar sobre a problemática que implica a morte como afirmativa, um ultimato. Pior que isso: como esvaziamento da vida. Diante disso, urge questionar: Quem pode dizer, com plena certeza, que a morte representa a dissolução total da humanidade? Será que o Criador, em sua inteireza e perenidade, concede a vida às pessoas, feitas à Sua imagem e semelhança, para que ela se resuma a essa breve estada no mundo físico? “A vida é assim, Senhor? Desabam mesmo / pele do rosto e sonhos?” (PRADO, 2009, p. 13).



Como já afirmado várias vezes, é notório que muitas pessoas se nutrem de uma falsa impressão de que, com a morte, chega-se ao fim de tudo. Esse entendimento puramente biológico e antropológico gera uma frustração muito grande, e faz com que os sujeitos queiram viver o hoje intensamente, não fazendo uma projeção futura de suas atitudes. Como sinaliza o eu lírico, é engano pensar dessa maneira, pois, Deus provou que “o salário do pecado é a morte, mas Seu dom gratuito é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 6, 23).

Enfim, como ficou explícito nesta sucinta análise, os poemas de Prado são um convite à reflexão teológica e tem um papel muito significativo na compreensão do sagrado cristão, podendo colaborar com o processo de evangelização e até mesmo para a promoção de debates na escola e na universidade. Também, reforçam a premissa do texto enquanto sacramento de identidade e representação, além de fornecerem argumentos confiáveis para romper os cristais que projetam a morte como o fim da vida, ajudando a amenizar a tristeza e a dor decorrentes do falecimento de familiares e amigos.

O arremate da obra: considerações finais

Louvado sejas porque eu quero morrer / mas tenho medo e insisto em esperar o prometido.

(PRADO, 2006, p. 64)

A morte é uma realidade vindoura para todos. A notícia de sua chegada “voa rápido, ignorando o espaço. Chega dura como golpe de ferro que esmigalha o tempo. Nesse dia, somente uma coisa faz sentido: chorar.” (ALVES, 2007, p. 1). “Este aspecto da morte marca nossas vidas com um caráter de urgência” (CIC, 2013, nº 1007), o que faz com que queiramos viver intensamente o hoje, em função de um amanhã, inspirados em uma ânsia pela eternidade, com a certeza de que “o fim tem que ser belo, ainda que trágico” (ALVES, 2008, p. 1).

As marcas da religiosidade, presentes na lírica adelianna, acendem uma luz sobre essa obscuridade e mostra que, com a Páscoa de Jesus Cristo, “a morte cristã tem um sentido positivo” (CIC, 2013, nº 1010), deixando de ser um evento final, para fazer parte do percurso que desemboca no Futuro Absoluto, que é o próprio Deus.

Com esse artigo, ficou notório que a simbiose Teologia – Literatura contribui para o entendimento da temática em questão, de maneira atraente e consistente. Por isso, fomenta



possibilidades de trabalhos interdisciplinares, tanto nos espaços de fé quanto na escola, com a articulação entre Ensino Religioso e Língua Portuguesa, por exemplo, onde é possível aprofundar conteúdos diversos através da apreciação de textos literários que abordam diferentes perspectivas religiosas, em um diálogo ecumênico e respeitoso. De igual modo, essa articulação “possibilita a germinação de consciências e diferentes posturas, baseadas na pesquisa, no diálogo e na aprendizagem colaborativa” (SILVA, 2015, p. 30562), tendo em vista a interpretação e a procura por respostas para os problemas concretos que permeiam a sociedade.

Finalmente, reiteramos o desejo de que essa atividade interpretativa corrobore para a adoção de um olhar transcendente para a morte, de tal forma que possamos referir à ela como “irmã morte”, inspirados em São Francisco de Assis. Ou brincar, como Mário Quintana, ao dizer o epitáfio que deveria ser escrito em seu túmulo: Eu não estou aqui. (QUINTANA *apud* ALVES, 2008). Assim, motivados pela esperança na vida eterna, façamos nossa a oração de Prado (2006, p. 64): “Louvado sejas porque eu quero morrer / mas tenho medo e insisto em esperar o prometido”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Todos devem morrer**. Crônicas do cotidiano. São Paulo: Folha de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://institutorubemalves.org.br/cronicas/>. Acesso em: 6 out. 2019.

ALVES, Rubem. **Crônicas**: educação. Samuel Lago (org.). Curitiba: Nossa Cultura, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond. De animais, santo e gente. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 09 de out. de 1985.

BARTHES, Ronald. **Literatura e significação**. 3. ed. Tradução de Leyla Perrone. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BÍBLIA SAGRADA. **Edição Pastoral**. Brasília: Paulus, 1991.

BLANK, Renold Johann; VILHENA, Maria Ângela. **Esperança além da esperança**: Antropologia e Escatologia. Vila de Picanya: Editora Siquem Ediciones, 2001.

BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo**: a nossa ressurreição na morte. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **A vida para além da morte**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22/07/2020.

CARVALHO, Vinicius Mariano de. Religião e Literatura: algumas inter-relações possíveis. **Revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, UFJF, v. 4, n. 1, p. 33-59, 2001. Disponível em: <https://docplayer.com.br/33864925-Religiao-e-literatura-algumas-inter-relacoes-possiveis-f.html>. Acesso em: 20/07/2019.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **Creio na Ressureição da Carne**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 1992.

LIBÂNIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Escatologia Cristã**. São Paulo: Vozes, 1985.

MORICONE, Ítalo. Circuitos contemporâneos do literário (indicações de pesquisa). **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 20, p. 147-163, 1º sem. 2006. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/331>. Acesso em: 29/07/2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Belo Horizonte: Pontes, 2007.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Oráculos de Maio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/arquivo78.htm>. Acesso em: 31/07/2019.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. A mulher, o corpo e a poesia. In: PRADO, Adélia. **O coração disparado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

SILVA, Débora Cristina Santos e. Vou-me embora para Nárnia: Literatura e Espiritualidade no Ensino Religioso. XII Congresso Nacional de Educação. **Anais**. São Paulo: PUCPR - Editora Universitária Champagnat, 2015. Disponível em: <https://educere.pucpr.br/p1/anais.html?tipo=&titulo=VOU-ME+EMBORA+PARA+N%C3%81RNIA%3A+LITERATURA+E+ESPIRITUALIDADE+NO+ENSINO+RELIGIOSO&edicao=2015&autor=&area=>. Acesso em: 25 de fev. 2020.

SUSIN, Luiz Carlos. **Assim na Terra como no Céu**: Brevilóquio sobre Escatologia e Criação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

REVELLI, Vol. 13. 2021.

ISSN 1984-6576.

E-202121

18